

A CONSTRUÇÃO DO FUTURO CRÔNICAS DA REVISTA BRASMOTOR

Na mitologia greco-romana, Cronos, ou Saturno, era a divindade que regia a passagem do tempo e o curso dos acontecimentos. Cronos, crônica. Como se vê, o tempo e seu transcurso estão como que entranhados, abraçados como um mata-pau, na palavra *crônica*, que também designa o gênero literário predominante na antologia que o leitor tem em mãos.

Na Antiguidade, quando se acreditava que os acontecimentos seguiam uma ordem natural, ditada por desígnios sobre-humanos, a crônica era concebida como a descrição da “história dos tempos por sua ordem”, de acordo com Plínio, o Velho (século I da nossa era). Cronista era, portanto, sinônimo de “historiador”. No mundo moderno, porém, o sentido se expandiu; a crônica na verdade afastou-se (libertou-se?) da historiografia, deixou de se ater à “verdade” dos fatos, para abrigar boa dose de criatividade e imaginação e, desde o século XIX, figura entre os gêneros literários mais conhecidos – como o romance, o conto, a novela, a poesia e o ensaio.

As primeiras manifestações literárias, no Brasil do século XVI, são constituídas justamente pelas crônicas dos descobridores, dos viajantes, dos administradores e dos catequistas, interessados de imediato no registro dos fatos históricos. Com o tempo, esses relatos passaram a incorporar outros temas e preocupações, como as narrativas e anedotas populares, as vidas milagrosas dos santos, as ocorrências corriqueiras de clausura, no caso dos religiosos, e a vida cotidiana da Colônia. Estava assim aberto o caminho para a crônica enquanto gênero literário.

Consolidada a imprensa no País, já no final do Segundo Império, os relatos breves, de temas populares e mundanos, encontraram aí seu principal meio de difusão. Escritores notáveis como José de Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, e tantos outros, a praticaram. Machado, por exemplo, utilizou-se do gênero de forma assídua – Segundo os especialistas, até 1897; mais tarde publicadas em livro, suas crônicas perfazem

diversos volumes. O mesmo se deu com Lobato que, nas três primeiras décadas deste século, escreveu peças memoráveis, depois reunidas em *Urupês e Idéias de Jeca Tatu*, por exemplo.

O período de maior prestígio da crônica, no Brasil, ocorreu nas décadas de 60 e 70, quando jornais e revistas de grande circulação, e depois boa quantidade de coletâneas do gênero, tornaram famosos nomes como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino. Além desses três, devem-se mencionar, ainda, o autodenominado "cronista mundano", Stanislaw Ponte Preta (pseudônimo do jornalista boêmio, ou boêmio jornalista, Sérgio Porto) e o grande poeta Carlos Drummond de Andrade, que também se dedicou, com maestria, à arte da crônica.

Com isso, chegamos ao presente, ou melhor, ao futuro. Melhor ainda, à *Construção do Futuro*. As crônicas reunidas nesta edição, organizada pelo poeta, professor e crítico literário Carlos Felipe Moisés, um dos mais autorizados e respeitados críticos da cena literária do País, foram publicadas na *Revista Brasmotor* entre maio de 1995 e dezembro de 1999. Entre seus autores, figuram nomes de proa da literatura nacional, como Rachel de Queiróz, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo, Lourenço Diaféria, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Fernando Moraes e Ruy Castro, entre outros, além de dois renomados, ainda que jovens, escritores argentinos, Federico Andahazi e Ana Maria Shua. Registre-se ainda a presença dos cartunistas – também cronistas *avant la letter*, para além do significado estrito do termo – Maurício de Souza, Fernando Gonzales, Ique, Spacca e Ziraldo.

Dentre os primeiros, a imortal Rachel de Queiroz e Ignácio de Loyola Brandão, mantêm, já há alguns anos, colunas fixas em *O Estado de São Paulo*. Ivan Ângelo, por sua vez, é cronista regular da *Revista Veja São Paulo*, enquanto Lourenço Diaféria há anos observa o tempo passar – atualmente, através das ondas da *Bandeirantes AM*. Mas todas as crônicas incluídas na antologia foram especialmente concebidas para a *Revista Brasmotor*, com exclusividade.

Uma anedota corrente entre jornalistas diz que o editor de uma publicação é quem separa o joio do trigo, e publica o joio. No caso, esse esforço não foi

necessário. Estamos convictos de haver servido, aos leitores da *Revista Brasmotor*, ao longo desse quase quatro anos de existência, só os “biscoitos finos” de que nos falava o escritor e poeta Oswald de Andrade – também ele, a seu modo, um cronista de mão cheia. E passemos às crônicas. Pois, como observou Lourenço Diaféria, “o futuro passa depressa.”

O Editor